

Diagnóstico exige sensibilidade

PAULO SILVA PINTO
Especial para o Estado

Rafael Fariá, sete anos, está na escola desde um ano e meio de idade e nunca foi motivo de preocupação para seus pais. No pré-primário, porém, quando passou a fazer lição de casa, os problemas começaram a surgir: cartas freqüentes da professora reclamavam que Rafael não fazia as tarefas, não prestava atenção nas aulas e caprichava na bagunça. "Ele gosta muito de ler revistinhas e escreve bilhetes para mim com perfeição, mas suas lições são sempre malfeitas", conta Lúcia Niasava Faria, mãe de Rafael.

Ele não tem paciência para brincar com outras crianças e prefere ficar sozinho,

construindo robôs e naves espaciais. São seus poucos momentos de calma. Quase sempre Rafael está eufórico e quer conversar com todo o mundo, principalmente com adultos.

"Quando eu perguntei se tinha amigos na escola, ele disse que tinha um, chamado João. Um dia fui conhecê-lo e descobri que era o faxineiro", diz o pai de Rafael, o psicólogo Flávio Faria. Ele acredita que o filho não se entrosa bem com as outras crianças porque é "diferente".

Faria é psicoterapeuta especializado em adolescentes e diz que trata de um menino com problemas semelhantes aos de Rafael. Como não foi tratado antes, seu paciente acumulou anos de rejeição na

escola e apresenta hoje um forte sentimento de culpa.

No fim do ano passado, Flávio e Lúcia colocaram o filho sob assistência de uma psicoterapeuta. Antes disso, a primeira médica a examiná-lo em busca de problemas neurológicos disse que Rafael tinha uma pequena disritmia e seria indispensável tratá-lo com remédios. Um neurologista consultado em seguida, porém, garantiu que a hiperatividade tinha razões puramente emocionais. Hoje Rafael se trata com outro neurologista, Saul Cypel, que assegura não existirem problemas físicos.

A reprovação do garoto na escola parece inevitável, e os pais pretendem retirá-lo no ano que vem do lugar onde estuda.